

Jessé Souza expõe as raízes da naturalização das desigualdades sociais no Brasil

Jutaí Alves dos Santos ¹

Em *Subcidadania Brasileira*, Jessé Souza, um dos mais influentes, notáveis e polêmicos sociólogos da atualidade se propõe a oferecer uma adequada resposta às problemáticas que envolvem a permanência e reprodução de um contexto de naturalização das desigualdades na sociedade brasileira.

Tendo por base as pré condições sociais estabelecidas em um país da periferia do capitalismo, o autor irá se debruçar sobre as condicionantes que possibilitam a desclassificação social de uma classe inteira de indivíduos (1/3 da população brasileira segundo o autor), despossuídos de atributos políticos, econômicos e morais que possam legitimar sua cidadania plena, no sentido institucional do termo.

A investigação de um padrão especificamente periférico de cidadania e subcidadania não é algo novo no universo sociológico de Jessé Souza, o autor já havia se enveredado por esse caminho em trabalhos anteriores como *A Construção Social da Subcidadania* e *A Ralé Brasileira* –quem é e como vive, mas que aqui adquire contornos mais esmerados, sofisticados e arrojados, no que diz respeito às esquematizações teóricas pretendidas pelo autor. Nessa seara, Souza irá se valer do seu conhecido método Weberiano para estudar as especificidades do contexto periférico do capitalismo, em relação à classificação social dos indivíduos, os suportes institucionais que legitimam tais

¹ Graduado em História pela Universidade Camilo Castelo Branco-SP.

classificações, os mecanismos sutis e imperceptíveis que efetivam a naturalização de hierarquias sociais etc.

Com a utilização do método Weberiano, o sociólogo Potiguar recoloca sua crítica (exposta em trabalhos anteriores) ao que chama de “modelo economicista” de análise sociológica das classe sociais ², explicitando as deficiências dessa concepção científica, que tem no liberalismo e no marxismo seus mais influentes desdobramentos teóricos. Do método economicista Liberal, Jessé ataca o critério puramente econômico de análise e classificação dos diversos extratos sociais verificados nas sociedades periféricas, onde o critério de renda é a base preponderante para tais classificações. Já o modelo economicista marxista, Souza enfatiza as limitações de um aparato conceitual que entende as classes sociais à partir de seu lugar na hierarquia produtiva do capitalismo. Para o autor, nenhuma das variantes do modelo economicista dão conta de entender e contextualizar os mecanismos de concepções morais e políticas que funcionam como ideias-motriz em uma sociedade de capitalismo periférico como a brasileira.

É em Weber que o autor irá buscar as noções de mecanismos opacos, intransparentes e imperceptíveis que regem os conceitos de atribuição de respeito e reconhecimento social nos indivíduos. Os capitais simbólicos pré existentes nas construções sociais vigentes serão de suma importância nessa abordagem teórica. Para tanto, Souza irá se utilizar das contribuições do filósofo Canadense Charles Taylor e do sociólogo francês Pierre Bourdieu , no tocante ao caráter subjetivo nas relações entre as classes sociais.

De Taylor, serão extraídas as contribuições de sua teoria do reconhecimento social, expressas sobretudo em sua obra *As Fontes do Self*. Para Taylor, as duas principais instituições surgidas com o advento da modernidade são: o mercado competitivo e o Estado centralizado. Ambas as instituições foram responsáveis pela gradual concepção de um tipo de indivíduo que se adequa às necessidades e imperativos funcionais dessas instituições. A plasticidade individual (tema caro em Weber) seria o principal caráter

² Souza, Jessé. A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte.2009, p.21

objetivo desse novo indivíduo gerado pelas práticas disciplinadoras estabelecidas, gerando características que Taylor chama de “Selfs pontuais”, cujo o caráter consiste basicamente em : controle da razão sobre as emoções, interiorização das fontes de moralidade, auto controle e auto responsabilidade³, gerando assim um tipo humano “ moldável” , adequado às exigências do Mercado e Estado. Toda a hierarquia valorativa expressa na Teoria do reconhecimento social, seria fruto dessas características que são obtidas por determinadas classes sociais em detrimento de outras.

De Pierre Bourdieu, será a noção do “ Habitus” o fator relevante. O Habitus consiste em um sistema de estruturas cognitivas introjetadas no indivíduo desde a mais tenra infância, que irá gerar um esquema de conduta e comportamento que passa a gerir práticas individuais e coletivas⁴.

A noção de Habitus, descrita por Bourdieu , aliada aos conceitos existentes na teoria do reconhecimento social de Taylor, é a amálgama que Jessé formula para a sua pretensa desconstrução sistemática da ideologia da igualdade (ou meritocracia) . Ora, se são as características de concentração, auto controle, disciplina e cálculo prospectivo que irão determinar o sucesso individual no mercado competitivo capitalista ou nas estruturas do Estado centralizado, somente as classes sociais providas desses “Selfs pontuais” é que estarão aptas à vencer no jogo competitivo da modernidade burguesa.

O “ Habitus” irá influenciar em como essas classes sociais se enxergam e se relacionam , em uma construção imperceptível da meritocracia , onde as classes alijadas dos conceitos mais básicos de cidadania passam a se auto culpar pelo não sucesso nessa hierarquia valorativa e legitimar o reconhecimento social das classes privilegiadas como algo “ merecido”, “ conquistado” e “ planejado”.

Para Jessé, é a hierarquia valorativa da Teoria do reconhecimento social de Taylor, atrelada à reprodução do “Habitus” descrito por Bourdieu, que configura então um padrão

³ SOUZA, Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro.2018.p.116.

⁴ Ibid.,p.80.

especificamente periférico de cidadania e subcidadania verificada na sociedade brasileira, que legitima, naturaliza e reproduz a desigualdade.

Mas não são apenas as estruturas cognitivas imperceptíveis e opacas do Habitus descrito por Bourdieu ou a hierarquia valorativa dos Selfs pontuais de Taylor que propiciam a nossa Subcidadania Brasileira, afinal tão naturalizada e legitimada em nossa sociedade. Há também, elementos advindos do campo das ideias que acabam por contribuir com a naturalização de nossas desigualdades. Seria este o caso, da interpretação dominante da qual o autor chama de “ Culturalismo”, que tem em Sergio Buarque de Holanda seu mais notório expoente.

Jessé parte do princípio que, a interpretação culturalista legada por Sergio Buarque, longe de romper com o racismo científico presente na Historiografia Brasileira clássica (representada por Oliveira Viana, Nina Rodrigues, Silvio Romero, entre outros) acaba por desaguar em outro racismo tão nocivo quanto, que é o racismo cultural, que longe de ser uma superação do racismo científico (pautado na cor da pele, fenótipos, antecedentes étnicos etc.), seria portanto, uma continuação desse racismo -agora sob novas roupagens- baseando sua análise sobre supostos “ estoques culturais” ou heranças sociais fruto da colonização ibérica, que seriam afinal fatores decisivos para a concepção de nossas mazelas sociais e de nosso atraso, nos legando ainda a gênese da corrupção, da apropriação do público pelo privado e das relações interpessoais para acordos escusos. Em contrapartida, dentro da análise culturalista de interpretação sociológica, o modelo de colonização Anglo-Saxão aparecia como mais engenhoso e promissor, comparado ao modelo de colonização ibérica, legando as bases de onde derivam a equidade jurídica, a idoneidade moral, e as qualidades republicanas “verificadas” na sociedade norte americana.

Tal interpretação, seria rotulada por Souza, como “Complexo de Vira-lata”, uma explicação simples e superficial de nossas mazelas, tendo como base o patrimonialismo, a nossa suposta corrupção inata e todas as nuances negativas do *Homem Cordial*, expressão mais acabada do povo brasileiro segundo Sergio Buarque de Holanda⁵.

⁵ Ibid.,p.15

Para se contrapor à análise culturalista de Buarque, o autor irá se utilizar da contribuição sociológica de Gilberto Freyre. Para Jessé, é Freyre quem rompe com o racismo científico da Historiografia clássica, ao colocar o tema da mestiçagem ou a figura do mulato, não mais como expressão máxima de nosso atraso, deterioração social ou problema nacional, mas sim conferindo à esta mestiçagem um valor positivo, não mais objeto de nossa vergonha, mas sim aquilo que nos distinguia positivamente de outras nações. Em suma, um povo dotado de uma plasticidade (positiva) que se singulariza pela emotividade, sensibilidade, sensualidade etc. De forma que para o autor “Freyre procurou e conseguiu criar um sentimento de identidade nacional brasileira que permitisse algum orgulho nacional como fonte de solidariedade interna ..”⁶.

Segundo Souza, é Sergio Buarque de Holanda quem distorce, deturpa e descaracteriza a plasticidade positiva de identidade nacional apresentada por Freyre e a transforma em plasticidade negativa com o advento do “homem cordial”. Para Buarque, seria justamente a nossa afetividade, sensibilidade ou emotividade que definiam o nosso “déficit cultural” em relação aos “povos superiores” das “sociedades avançadas”, que se caracterizavam pela racionalidade, objetividade, cálculo prospectivo etc.

Os postulados de Sergio Buarque de Holanda seriam refletidos nas obras de outros intelectuais do pensamento interpretativo culturalista, como Raymundo Faoro e Roberto da Matta. Tais autores iriam evidenciar mais ainda o patrimonialismo da visão culturalista, levando a formulações que se assemelham ao *Homem Cordial* de Buarque, como é o caso do tal “jeitinho brasileiro” descrito por Da Matta para explicar as relações pessoais que interferem nas práticas republicanas na sociedade brasileira. Para o autor de *A elite do atraso*, o que existe de mais nefasto nessa interpretação é a lógica de que tais relações interpessoais, interesses escusos ou apropriação indevida do público pelo privado, só são percebidas no âmbito do Estado (uma espécie de prolongamento institucionalizado do *Homem Cordial* de Buarque). Ou seja, o “jeitinho brasileiro” ou os atributos negativos do

⁶ Ibid.,p.13

Homem Cordial nunca são percebidos ou verificados no Mercado, que aparece aqui como um paraíso terrestre, uma miríade de justas intenções, dotado moralmente das características mais idôneas possíveis.

Tal axioma se apresenta como um dos pilares da nossa miopia social, que busca no personalismo, no patrimonialismo e no populismo as causas maiores de nossas mazelas. Tal tese, segundo ao autor, é incapaz de perceber a nossa corrupção real, que se encontra de fato no Mercado altamente desregulado que se verifica atualmente no Brasil, com seus atravessadores financeiros, rentistas, especuladores de nossa dívida pública (nunca auditada) etc. Uma sórdida elite de rapina que segue livre e intocada em seu roubo descarado, via taxas escorchantes de juros, isenções fiscais bilionárias e sonegação trilhionária de impostos.

Para Jessé, é o pensamento culturalista, com a noção de Patrimonialismo, aliado à massificação suja e mentirosa da grande imprensa burguesa, que torna visível apenas a corrupção do Estado, tornando – por consequência- invisível a real corrupção, muito mais perniciosa e insidiosa, que se verifica no Mercado, em um processo que o autor define como “corrupção dos tolos” e “ corrupção real”.⁷

Mais do que isso, o pensamento culturalista-patrimonialista, ainda acaba por legitimar a ideia-conceito de Estado mínimo, a disseminação do ideário liberal, da supremacia do mercado nas questões nacionais, entre outros aspectos da cartilha neoliberal, que ganham força e legitimação através da tese patrimonialista. Ora, se toda e qualquer viabilização ou concessão de direitos e atendimentos às necessidades mais básicas das classes desfavorecidas, foram historicamente levadas à cabo por intermédio do Estado, é de se compreender a gravidade que concepções visando a adoção do Estado mínimo significam para as classes desfavorecidas. Sobretudo em um país onde as organizações sociais, os esforços coletivos das diversas frações das classes populares e a luta da classe trabalhadora organizada via ascensão partidária(mais notadamente o PT, nas últimas

⁷ SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro. 2019.pag. 192.

décadas), não lograram ir além de um reformismo fraco (na expressão de André Singer)⁸, ou seja, uma variável de concessões às classes desfavorecidas, sem no entanto uma ruptura ou embate mais significativo com o grande capital nacional, a elite agroexportadora ou o capital rentista internacional.

Os desdobramentos da sociologia culturalista entre nós, aliados ao Habitus descritos por Bourdieu e adicionados à teoria do reconhecimento social de Taylor, configuram uma realidade social desastrosa para as classes desprivilegiadas no Brasil, uma ralé estrutural (termo utilizado pelo autor) de marginalizados, excluídos e alijados de toda e qualquer característica que defina os conceitos mínimos de cidadania. Uma classe, portanto, carente de qualquer forma de reconhecimento, articulação, solidariedade, representação ou mesmo percepção das variantes que condicionam seu triste e conturbado lugar nas hierarquias sociais vigentes na sociedade brasileira. Nesse ínterim, é também percebido o papel da classe média (que assim como as classes desfavorecidas, também possui suas frações interclassistas verificadas) em todo esse processo. A classe média (20% da população brasileira, segundo o autor) se notabiliza como massa de manobra, tornada “tropa de choque” para a defesa dos interesses da classe dos endinheirados, uma elite vil e perniciososa que se utiliza da classe média (principalmente os estratos proto-fascistas dessa classe) para legitimar seu roubo, saque e pilhagem das riquezas nacionais. A miopia da classe média, reside então no fato de se achar tão próxima desta elite de endinheirados e tão distante das classes desprivilegiadas, da qual nutre um ódio secular (herança da escravidão) e uma ojeriza social que a faz relativizar, naturalizar e até legitimar as diversas formas de opressão da qual a dita ralé estrutural é vítima cotidianamente na sociedade brasileira, expressas por meio de massacres, chacinas e extermínios que muitas vezes são aplaudidos, desejados e legitimados por uma maioria da classe média.

Se fizermos uma analogia entre *Subcidadania Brasileira* e *Retrato do Brasil* de Paulo Prado, lançado em 1928, poderíamos dizer que assim como o intelectual aristocrata de

⁸ SINGER, André. Os Sentidos do Lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo. 2012. pag. 180.

São Paulo, o ex- presidente do IPEA também concebe um retrato nada otimista do Brasil atual. Há quase um século, Paulo Prado apresentou o retrato de uma nação amórfica, atrofiada e desprovida de uma elite responsável e comprometida como o futuro⁹. As mesmas características são verificadas no “retrato do Brasil” apresentado agora por Jessé. Um retrato em preto e branco. Não há lugar para a fantasia das cores no retrato exposto por Jessé. O cenário é trágico, a paisagem é desoladora e o horizonte se apresenta como uma quimera. Uma elite de plutocratas sem qualquer compromisso com a nação, uma classe média com nítidas expressões protofascistas, uma classe trabalhadora destroçada em suas formas de organização e representação (frutos do avanço neoliberal no Brasil) e uma imensa massa de despossuídos imersos no mais absoluto abandono social, são enfim as imagens que compõem esse triste panorama.

É para a ralé estrutural, abandonada secularmente à própria sorte (ou melhor, azar) que o horizonte se apresenta ainda mais sombrio. Sem conhecimento técnico incorporado, essa grande massa de desprivilegiados não se confunde se quer com o antigo lupemproletariado descrito por Marx, ou seja, um “exército de reserva” que poderia ser acionado pelo capitalismo como força de trabalho ativa em momentos de crescimento econômico. Esse pressuposto data de uma outra época do capitalismo, onde o conhecimento incorporado do trabalhador não era tão importante para eficácia e bom desempenho da maquinaria ou outras variantes existentes nas práticas capitalistas de outrora, o que se verifica agora , em meio ao aprofundamento da chamada quarta revolução industrial , é um estado de coisas onde a ralé estrutural, desprovida de incorporação de conhecimento técnico-cultural para exercer as complexas variantes do capitalismo moderno, não será absorvida formalmente dentro dessas modernas estruturas do capitalismo atual mesmo se houver crescimento econômico, investimentos na cadeia produtiva ou aumento de demanda por bens e serviços ofertados, relegando esta ralé estrutural a trabalhos manuais e subempregos mal remunerados e pouco valorizados , em um processo contínuo de exclusão e marginalização nas esferas produtivas.

⁹ PRADO, Paulo. Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo.1997.p.199.

Como reverter esse processo de subcidadania permanente das classes desfavorecidas? Como tornar visíveis os sutis mecanismos que regem os processos de naturalização das desigualdades na sociedade brasileira? Como criar mecanismos de autoestima, reconhecimento, solidariedade social em uma classe de despossuídos que foi humilhada, estigmatizada e massacrada secularmente nesse país? *Subcidadania Brasileira* chegará ao fim sem responder aos dilemas que nascem de suas próprias preposições.

Nos últimos parágrafos de *Subcidadania Brasileira*, o autor nos dá uma “luz no fim do túnel”, ou seja, uma reflexão sobre o que essa sociedade precisa fazer para superar as problemáticas aqui levantadas

Para que possamos realizar esses aprendizados sociais concretos, no entanto, precisamos mudar a percepção que temos de nós mesmos e de nossa sociedade”¹⁰ .

Somente quando passarmos realmente a nos perceber como uma sociedade fruto de um processo de quase 4 séculos de escravidão, com todas as implicações morais, políticas, sociais e raciais advindas desse processo, é que estaremos aptos a nos confrontar com a triste realidade que nos cerca.

Enfim, para pensarmos a nossa sociedade para além do “jeitinho brasileiro”, é tarefa primordial que consigamos nos despir de todas as fantasias, ilusões e devaneios que nos guiaram até aqui. Os mitos inclusos na natureza do tal “homem cordial” com suas sensibilidades, emotividades e afetividades, devem ser urgentemente substituídos por uma ótica genuína acerca daquilo que de fato somos, ou seja, uma das sociedades mais racistas, violentas, preconceituosas e desiguais que existem no mundo capitalista moderno.

¹⁰ SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro.2018.p.272.

Referências Bibliográficas

SOUZA, Jessé. Subcidadania Brasileira- Para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

SOUZA, Jessé. A elite do Atraso- Da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. A Ralé Brasileira- Quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SINGER, André. Os Sentidos do Lulismo- Reforma Gradual e Pacto Conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PRADO, Paulo. Retrato do Brasil- Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das letras, 1997.